

HOMENAGEM A JOSÉ GOMES BENTO*

Este texto e o texto intitulado «Entre a esperança e a frustração e ainda talvez a esperança» que, igualmente, se publica neste volume, deverão ser entendidos, não tanto como uma homenagem póstuma, mas como contributos que visam revelar a obra, o pensamento e a acção de um professor, José Gomes Bento, que constituiu uma referência primeira da Escola do Magistério Primário do Porto nos anos subsequentes ao 25 de Abril de 1974.

JOSÉ GOMES BENTO:

Professor e Pedagogo Militante da Escola Democrática

«O pior inimigo do reaccionário é o mundo lá fora. É preciso fechar os alunos nas escolas. Encerrá-los nas teias do discurso catedrático. Filtrar as questões importantes e só deixar passar os temas académicos. Afinal quem são os “lavadores de cérebros”? Dá-se uma gratificação a quem deixar matar o real, é o anúncio secreto do reaccionário. O real pode ser mistificado, abolido, impossível. E o real depois do 25 de Abril entrou nesta escola. Não sei se os mudou em democratas, socialistas ou comunistas. Só sei que lhes deu espírito de iniciativa, criatividade, capacidade de cooperação, de serem autónomos, de entenderem os problemas da sua Pátria. A palavra foi liberta. E eu senti isso tudo. O reaccionário dirá: gosto mais deles amorfos,

* Rui Trindade, Ariana Cosme, Amélia Lopes, Fátima Antunes e Manuel Rangel.

quietos, obedientes, boas máquinas de digerir o "alimento" que lhes forneço. É esta a sua estratégia».

Publicado em 1977¹, este excerto de um texto redigido por José Gomes Bento constitui um testemunho inequívoco da militância pedagógica de um homem que se afirmou como um democrata inquieto e exigente, um pedagogo interveniente, um professor coerente e um militante sindical activo e pioneiro.

Nascido em 13 de Setembro de 1938, em Espinho, licenciou-se em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, após a frequência do 1º ano do curso de Direito na Universidade de Coimbra que onze meses de prisão interromperam, penalizando-o pela sua actividade política quer como membro do M.U.D. juvenil quer, posteriormente, como militante do Partido Comunista Português, do qual se veio a afastar após a saída da cadeia. A sua intervenção como resistente anti-fascista prosseguiu até à queda do regime em 1974 e a sua militância como homem empenhado na construção do Socialismo não esmoreceu, explicando o seu compromisso na fundação do já extinto Movimento da Esquerda Socialista (M.E.S.).

Relacionado, ainda antes do 25 de Abril, com a constituição do Grupo de Estudos do Pessoal Docente, inicialmente composto por professores do ensino liceal e técnico, encontra aí o terreno propício à reivindicação do direito de associação dos professores, do qual resultará mais tarde o seu empenho na formação do Sindicato de Professores da Zona Norte, em Abril de 1974 e com o qual acabará por entrar em ruptura, contribuindo então para a fundação do Sindicato de Professores do Norte em 1982.

Tendo sido impedido de leccionar pelo regime salazarista, devido à prisão que sofreu em consequência da sua militância

¹ Este excerto é parte integrante do texto «Entre a esperança e a frustração e ainda talvez a esperança», o texto da autoria de José Gomes Bento que se publica neste volume da revista *Educação, Sociedade & Culturas*.

política, só obteve a sua primeira colocação como professor do ensino liceal após 1969, em Leiria, graças à acção de desanuviamento político que Marcelo Caetano pretendeu protagonizar. Em 1976/77 assume funções docentes na Escola do Magistério Primário do Porto onde permaneceu até 1985, o ano da sua morte. Foi neste período da sua vida profissional que se associou ao Movimento da Escola Moderna (M.E.M.), onde assumiu responsabilidades como um dos dinamizadores do núcleo deste Movimento na cidade do Porto, na sequência, aliás, de outras experiências de militância pedagógica, das quais se destacam, entre outras, a já referida participação nos Grupos de Estudo do Pessoal Docente e a colaboração na revista «O Professor», fundada no Porto ainda antes de 1974.

Foi este homem que ao publicar, em 1972, a obra «O Movimento Sindical dos Professores – Finais da Monarquia e I República»², soube escrever que

«recuperar a memória social dos professores, pô-los diante da sua história para melhor enfrentarem as responsabilidades do presente é o objectivo deste trabalho. Este regresso ao passado das lutas, dos problemas e das concepções pedagógicas dos professores de outros tempos é profundamente ilustrativo do que existe de potencialmente actual na história da classe docente. Se "alguma parte do passado foi para ser um presente que não é", como diz o ensaísta Alberto Ferreira, esta alguma parte é sem dúvida a das teorias e projectos sobre as estruturas do ensino português. As aspirações mais sentidas e pensadas e propostas reivindicativamente pela classe docente dos fins do século XIX e das duas primeiras décadas do século XX continuam a ser as da condição do professor de hoje. O direito à gestão democrática e administrativa das escolas, à intervenção nos programas e nos métodos, o combate contra as pedagogias reaccionárias e por relações mais livres e huma-

² Bento, G. (1978) *O movimento sindical dos professores – finais da Monarquia e I República*, Lisboa: Editorial Caminho (2ª Edição).

nas entre professores e alunos permanecem pontos de vista de vanguarda, ideais a actualizar, práticas por praticar.

Lê-se este excerto, retirado do prefácio à 1ª edição da obra referida, e não se pode deixar de assinalar a contemporaneidade das preocupações que lhe estão subjacentes. Veja-se como o conjunto das reivindicações respeitantes à transformação do sistema educativo português, que o texto explícita e implicitamente defende, adquire todo o seu sentido quando consegue articular num todo congruente a necessidade de valorização do estatuto da carreira docente, a possibilidade de se implementar um regime de gestão democrática nas escolas e a importância da transformação das práticas pedagógicas que aí se desenvolvem. É este um eixo invariante das suas intervenções públicas e das suas preocupações pessoais, enquanto homem de esquerda, reflexivo e crítico e, por isso, militante comprometido com a construção de uma Escola democrática. Evidencia-se então a pertinência de uma postura teórica que deriva do seu empenhamento numa *praxis* marcada por uma consciência que, recusando qualquer espécie de determinismos, assume de forma clara e inovadora a necessidade de estabelecer uma relação criativa e profícua entre educação e política, postura esta que é claramente afirmada num texto apresentado, em parceria com Manuel Rangel, ao Congresso do Movimento da Escola Moderna de 1981³ onde se pode ler que:

³ Este excerto que se retirou de um texto designado «Para uma Educação Popular» foi redigido por Manuel Rangel e J. Gomes Bento, tendo sido apresentado ao Congresso do Movimento da Escola Moderna (MEM) em 1981. Surgiu na sequência da reflexão sobre um texto elaborado pelo Movimento da Escola Moderna francês, «Perspectivas para uma Educação Popular», o qual havia sido publicado no boletim do MEM português para ser debatido pelos diversos núcleos deste movimento pedagógico.

«A educação toca a política em vários aspectos:

- na formação da personalidade: relação com o poder, a questão da autoridade e da hierarquia, a satisfação ou repressão da necessidade da criança se exprimir; o grau de liberdade na sua própria formação;*
 - pela transmissão de ideias, normas, comportamentos relativos à vida quotidiana, o funcionamento da escola e da sociedade, papéis sociais (homem/mulher; adulto/criança; intelectual/manual);*
 - pela participação da escola na reprodução da divisão social do trabalho através da sua função selectiva arbitrária;*
- (...)

A análise política que fazemos dá-nos suficiente lucidez para não sermos pedagogistas, não sofreremos de ilusão pedagógica. A escola é mais condicionada que condicionante. O terceiro aspecto, o papel que a escola, como sistema, tem na reprodução e na distribuição de privilégios e das misérias sociais, escapa-nos. Onde podemos desde já dar o nosso contributo revolucionário é em relação ao primeiro e segundo aspectos porque as nossas práticas rompem com o autoritarismo, não são castradoras, libertam a expressão e a criatividade da criança, criam situações de auto-educação, estimulam o trabalho na cooperação com os outros, recusam a transmissão e a inculcação de ideologias e comportamentos».

Creemos assim, em face deste e de outros testemunhos, que é a partir da articulação que José Gomes Bento constrói entre educação e política que se pode abordar e entender a sua intervenção como activista político, sindicalista, militante pedagógico e professor. Uma intervenção que se caracterizou sempre por uma grande coerência entre os princípios e os actos; entre o pensamento, a reflexão e a acção. Por isso vimo-lo publicar, ainda antes de 1974, um livro fundamental sobre a história do movimento sindical e pedagógico dos professores portugueses, vimo-lo participar, também, e pelo mesmo conjunto de razões e causas, no Grupo de Estudos do Pessoal Docente, bem como, poste-

riormente, na criação do Sindicato de Professores da Zona Norte e, mais tarde, na fundação do Sindicato de Professores do Norte. Por isso, aderiu também ao Movimento da Escola Moderna, colaborou com a revista «O Professor», interessou-se e escreveu em defesa da gestão democrática das escolas e produziu as mais variadas e interessantes reflexões sobre educação nos efémeros *Boletins Pedagógicos* editados na Escola do Magistério Primário do Porto. Aqui foi professor, a partir do ano lectivo de 1976/77⁴, e foi nesta condição que se constituiu numa referência primeira do projecto de formação que vivemos naquela escola. Com ele, urge afirmá-lo, aprendemos pelas palavras e pelas atitudes; com ele aprendemos nas velhas salas de aula e fora delas; com ele aprendemos enquanto seus alunos e depois, já professores, como seus companheiros de jornada. Com ele aprendemos, também, a pensar e a tentar saber, por vezes dolorosamente e exigentemente, porque actuamos como actuamos. Com José Gomes Bento discutimos, discordámos e reflectimos sobre o que deveria ser um professor do Ensino Primário no Portugal de Abril. Pudemos então sentir a coerência existente entre o que todos os dias tentava concretizar connosco e o que escreveu um dia, no seu estilo conciso, reflectido e militante, a propósito do que ele próprio designava por vectores essenciais da formação inicial de professores do então Ensino Primário, os quais vale a pena divulgar, devido à possibilidade de ainda hoje poderem contribuir para uma reflexão tão pertinente quanto actual.⁵

⁴ Iniciando a sua actividade como docente, na Escola do Magistério Primário do Porto, no curso de formação de professores do Ensino Primário, o único curso em funcionamento no ano lectivo de 1976/77, foi mais tarde professor, nesta mesma escola, no curso de formação de Educadores de Infância.

⁵ Os vectores a que nos referimos estão expressos num texto, intitulado «Novo plano de curso e programas para o 1º ano das escolas do Magistério Primário» e publicado em Janeiro de 1978 no *Boletim Pedagógico* nº4 (já editado pela Direcção da Associação de Estudantes da Escola do Magistério Primário do Porto). Esse texto resulta de uma reflexão de J. G. Bento sobre o sentido e o conteúdo

Esses eixos estruturantes, que se identificam com os objectivos educacionais e a organização dos cursos, implementada em 1975/76 nas Escolas do Magistério Primário, «*assentavam na emergência de um novo tipo de professor primário português que a sociedade democrática em evolução exigia e que podemos resumir nos seguintes vectores essenciais:*

- a) *um professor primário activamente consciencializado para a verdadeira realidade da sociedade e da escola portuguesa e não para a sua imagem deformada ideologicamente. Abrir a Escola do Magistério Primário para que o real a penetrasse, implicou sair dela, ir para as aldeias e bairros, viver com as pessoas, falar com elas, observar, investigar as razões da crueldade da problemática escolar portuguesa legada pelo fascismo e regressar à escola com esses testemunhos e documentos de vida. Foi a razão de ser das actividades de contacto durante quinze dias e de disciplinas como a Sociologia capazes de fornecerem os instrumentos conceptuais para a abordagem da realidade.*
- b) *Um novo ideal de formação do professor e uma nova relação deste com o saber. O aluno-mestre deve constituir-se como sujeito criador e autónomo da sua própria aprendizagem, descobrir o grupo e o diálogo como via de desenvolvimento pessoal e colectivo não competitivo; ensaiar um novo estilo de aprender e de ensinar lutando contra a inércia dos fantasmas da escola velha dentro de cada um de nós, professores e alunos.*

Aprender não coisas vazias ou conteúdos académicos, mas basear tudo na motivação do problema vivido. Daí a importância que tinham os seminários interdisciplinares, numa experiência de convergência, as disciplinas optativas, o trabalho de grupo, os debates, a crítica e a auto-crítica do esforço realizado. O saber já não seria a acumulação de noções atrás de noções, mas o

das transformações do plano de curso e dos programas encetadas pelo Ministério da Educação liderado por Sottomayor Cardia, pondo assim termo a uma experiência inovadora no âmbito da formação inicial de professores do Ensino Primário desenvolvida nas Escolas do Magistério Primário, após o 25 de Abril de 1974.

saber sobre o que nos provoca e estimula a encontrar-lhe o segredo oculto da lei.

- c) Um professor armado cientificamente com as modernas aquisições da psicologia, psicopedagogia, linguística, matemática e ciências da natureza, capazes de permitir ao aluno, pela prática e teoria nela fundamentada, o conhecimento dos factores que intervêm na educação, esclarecê-lo no tipo de opção que ele como educador terá de fazer e assegurar-lhe as bases para poder transmitir ao seu ensino as informações e metodologias científicas, fomentando nos seus próprios alunos esse espírito investigador e criativo.
- d) Quebrar com o "intelectualismo" deformante da escola tradicional que baseia toda a sua aprendizagem na estruturação de automatismos da escrita, da leitura e das operações aritméticas e no cultivo de uma retórica estereotipada da linguagem.

Dar ênfase à área das expressões (expressão plástica, música e movimento e drama) como práticas de desbloqueamento do aluno-mestre que ele iria depois praticar com as crianças, abrir novas possibilidades didácticas à linguagem do corpo na comunicação entre os seres e à criatividade da criança nos domínios da sensibilidade. Fazer entrar essa área com a mesma importância e dignidade do acto da escrita.

Analisados, de uma forma tão sucinta e explícita, alguns dos eixos orientadores de um programa de formação de professores tão efêmero como esse o foi – mas capaz, na opinião de José Gomes Bento, de responder às expectativas sociais e às necessidades individuais próprias de uma sociedade democrática – resta apenas demonstrar como a adesão a um tal programa, está longe de corresponder a uma atitude ortodoxa. Decorre antes de uma reflexão consistente sobre o sentido e a configuração de uma acção educativa transformadora, assente quer num conjunto de pressupostos e finalidades diferentes daquele que norteia as práticas de ensino mais tradicionais, quer, concomitantemente,

numa outra organização do processo de ensino-aprendizagem e na adopção dos dispositivos e das estratégias pedagógico-didácticas que o texto apresentado ao Congresso de 1981 do Movimento da Escola Moderna⁶ novamente reafirma:

«Começamos por reencontrar, a partir dos múltiplos sentidos das nossas práticas, os motivos essenciais para estarmos convictos da actualidade da nossa pedagogia.

1º – As nossas estratégias pedagógicas inserem-se na lógica das estratégias psicológicas da criança. A psicologia genética cada vez mais nos prova a importância para o sucesso das aprendizagens da criança, do tacteamto, da construção do saber e do saber fazer por ensaios e erros, do papel da actividade funcional na estruturação e reestruturação dos seus esquemas operatórios.

2º – As nossas estratégias pedagógicas estão de acordo com as estratégias da organização da ciência de hoje. A ciência constrói-se a partir dos factos polémicos por rectificações sucessivas das intuições espontâneas. A experimentação e a discussão são os dois vectores de todo o avanço.

Um dos pontos da nossa pedagogia é a provocação que representa para a criança o imprevisto e a necessidade de partilhar com os outros a curiosidade assim nascida. O esforço de explicação alimenta-se pela discussão em grupo e a descoberta de processos experimentais pela invenção de dispositivos de prova.

O estudo do meio, fecundado pelo texto livre, são as grandes fontes dessa actividade científica. Esta propedêutica à metodologia científica responde, por outro lado, a um problema social e cultural das sociedades industrializadas, em que a ciência e o poder que lhe estão associados estão nas mãos de elites e agências políticas, permanecendo magia e mistério, para a grande massa. Nesse aspecto, as nossas práticas preparam o terreno para um controlo democrático das produções científicas e suas aplicações técnicas.

3º – As nossas estratégias pedagógicas são suportes de resistência às estratégias progressivamente dominantes nas sociedades contemporâneas. O

⁶ Cf. nota 3.

urbanismo selvagem, feito à medida de critérios de mera rentabilidade, estão criando espaços sem vida, abstractos, uniformes, sem possibilidades das crianças e dos jovens encontrarem neles ocasiões de experiências enriquecedoras, oportunidades de estabelecerem trocas com o mundo dos adultos, este, por sua vez, culturalmente em desagregação, dividido entre um trabalho desvalorizado e a influência dos modelos de evasão ditados pela propaganda e a publicidade.

Os meios de comunicação modernos aproximam os homens. E, contudo, os homens e as crianças vivem isolados, justapostos, passivos, manipulados, desinformados por todo o tipo de écrans que se interpõem entre eles e o mundo.

As poucas classes cooperativas, o exercício do direito à palavra, a utilização de instrumentos críticos de descodificação do sentido oculto das mensagens e dos estereótipos ideológicos, são respostas às necessidades dos homens de hoje encontrarem lugares de vida comunitária por onde a comunicação e a informação circulem e a gestão das actividades, dos conflitos e contradições se exerça colectiva e democraticamente.

A partir destes valores educativos que são simultaneamente valores humanos para uma nova atitude cultural de resposta a algumas questões do nosso tempo presente, fazemos o nosso encontro com a política. Vamos da cultura e da pedagogia para a política e não da política para a pedagogia.

Confirma-se, assim e novamente, através da conjugação de ideias presentes nos dois últimos textos evocados, a abrangência da reflexão pedagógica que J. G. Bento nos propõe, expressando um pensamento complexo e complexificante que continua a surpreender-nos, sobretudo quando consegue relacionar, de um modo tão inequívoco, o significado político-social da acção educativa promovida pela Escola Tradicional com o sentido das práticas de formação dos professores que convêm a esta mesma Escola, de forma a poder concretizar-se, também por esta via, um projecto marcado pela conformidade social e o adestramento cultural dos alunos que a frequentam. Reflectindo intencional e deliberadamente sobre os diversos sentidos das afinidades con-

cretas e potenciais que se podem estabelecer entre a intervenção educativa protagonizada nas salas de aula, as práticas administrativo-pedagógicas que se desenvolvem nas escolas, a necessidade de valorização da classe docente e a natureza das políticas educativas vigentes, J. G. Bento não se limita a constatar as implicações de uma tal dinâmica. Produz, então, uma proposta capaz de sustentar um programa de formação inicial de professores susceptível de apoiar, num futuro próximo, o desenvolvimento de uma outra cultura docente que favoreça a adopção de novas formas de gestão do espaço escolar e de um outro tipo de práticas educativas, realçando, neste âmbito, os compromissos axiológicos, epistemológicos e pedagógicos de natureza iminentemente democrática que inspiram aquele programa e esse conjunto de práticas. Exactamente os mesmos compromissos que nos permitem evidenciar a congruência das suas intervenções como político, sindicalista, investigador, pedagogo e professor, as quais, por se consubstanciarem num projecto que se distinguiu pela militância em prol de uma sociedade e de uma escola democráticas, retratam o empenho, a capacidade de reflexão, a coerência e a contemporaneidade do pensamento de um homem que contribuiu para que o mundo em que vivemos pudesse ser um mundo mais justo, mais solidário e mais inclusivo.

«Com dificuldades, na luta, na resistência quotidiana, a esperança é ainda uma hipótese. A agarrar e a experimentar na unidade sem a basófia dos optimismos balofos. Não aos solavancos, mas numa linha coerente que morda o real.

A desenvolver permanentemente, aí onde as questões fundamentais se põem, no terreno claro e escuro que é o nosso, entre a frustração e a esperança ainda»⁷.

⁷ Excerto retirado do texto «Entre a esperança e a frustração e ainda talvez a esperança», cuja leitura se aconselha neste número da revista.

ENTRE A ESPERANÇA E A FRUSTRAÇÃO E AINDA TALVEZ A ESPERANÇA

Gomes Bento

Este texto foi publicado, em 1997, no Boletim Pedagógico nº 3 da Escola do Magistério Primário do Porto, onde o autor reflecte sobre a importância das experiências pedagógicas vividas pelas EMP's, entre 1974/75 e 1975/76, as consequências da política adoptada pelo Ministro Sottomayor Cardia de combate a essas experiências e as possibilidades e implicações de resistência a um plano de acção política que se inicia no ano lectivo 1976/77.

1º TEMPO, A ESPERANÇA: quando as aulas se iniciaram percebi-a e senti-a um pouco por toda a parte. Actividades de contacto, sim, falaram-me muito dessa experiência, observei fotografias, relatos, trabalhos. Ouvi contar muitas coisas. Nalgumas aulas, a propósito disto ou daquilo alguém falava numa aldeia onde tinha estado, as condições que encontrou. Se não fossem as actividades de contacto, as minhas aulas tinham sido mais pobres. Por vários motivos. Compreendi que nessa experiência, talvez das poucas que realmente renovaram algo no nosso ensino, estava o eixo de toda uma outra pedagogia, estaria a chave de muitos becos sem saída da formação de professores primários no nosso país. Ao contrário do que muito reaccionário propalou, a mudança no esquema pedagógico do post-25 de Abril não está na substituição de uma inculcação doutrinária por outra. É toda uma organização do quotidiano escolar, uma outra prática colectiva e individual. A primeira leitura é sempre a do real. Como diz Carl Rogers «verifica-se mais facilmente uma aprendizagem significativa quando as situações são captadas como problemáticas». E os problemas estão na realidade. Ouvi testemunhos de alguns alunos dizendo que antes das actividades de contacto nunca se tinham apercebido da existência de certas realidades. Os seus quadros ideológicos inconscientes tinham estalado e eles abriram-se para outras percepções, para um grau mais elevado de conscientização. É isso que os reaccionários não suportavam. O real está sempre contra eles.

Precisam de o ocultar, de o esconder sob os véus da propaganda ideológica. O pior inimigo de reaccionário é o mundo lá fora. É preciso fechar os alunos nas escolas. Encerrá-los nas teias do discurso catedrático. Filtrar as questões importantes e só deixar passar os temas académicos. Afinal, quem são os «lavadores de cérebros»? Dá-se uma gratificação a quem matar o real, é o anúncio secreto do reaccionário. O real pode ser mistificado, abolido, impossível. E o real depois do 25 de Abril, entrou nesta escola. Não sei se os mudou em democratas, socialistas ou comunistas. Só sei que lhes deu este espírito de iniciativa, criatividade, capacidade de cooperação, de serem autónomos, de entenderem os problemas da sua Pátria. A palavra foi liberta. E eu senti isso tudo. O reaccionário dirá: gosto mais deles amorfos, quietos, obedientes, boas máquinas de digerir o «alimento» que lhes forneço. É esta a sua estratégia.

2º TEMPO, A FRUSTRAÇÃO: lentamente infiltrou-se e eu senti-a aproximar no dia a dia. A desorientação. Até o pânico. O estar à mercê do arbitrário, subitamente desarmado.

Eras tu, à mesa do café, a dizer «está tudo perdido». Tu que me falaste um pouco da tua vida, como antes de entrares na Escola te vias como pessoa vulgar, limitada, abafada na rotina dos gestos e aqui vieste renascer, reencontrar-te profundamente aderente a uma nova experiência. Nas aulas é a disponibilidade que se esvai. A antiga fraternidade que se converte na pequena desconfiança, na incomunicabilidade. A solidão de uma hora de lição em que cada um se justapõe ao outro como por acaso. A caça à nota, o teste. Vai-se para esta aula estudar para outra. Qual o truque para agradar ao professor? Vamos marrar mais esta disciplina porque o prof. é mais exigente. O outro é um pouco louco, o 18 ali é fácil... Não há problemas, há matérias a saber. O reaccionário entende que tem a partida quase ganha. Deo gratias. Alá é grande e os seus pequenos profetas já riem celestialmente.

3º TEMPO, AINDA TALVEZ A ESPERANÇA: «resiste-se apesar de tudo», está escrito num depoimento. A verdade é dialéctica. A unidade de contrários: frustração-esperança.

Os alunos fazem comparações, verificam as estratégias, fazem o balanço

entre as ideologias e as práticas. E até alguns professores que chegaram aqui muito rígidos, cheios de mecanismos de defesa, começam a duvidar. O reaccionário inquieta-se quando houve perguntar: que professor primário querem fazer de mim? Executor servil da escola conservadora ou sujeito activo dos princípios constitucionais: «O Estado promoverá a democratização da educação, e as condições para que a educação, realizada através da escola e de outros meios formativos, contribua para o desenvolvimento da personalidade e para o progresso da sociedade democrática e socialista». Com dificuldades, na luta, na resistência quotidiana a esperança é ainda uma hipótese. A agarrar e a experimentar na unidade sem a basófia dos óptimos balofos. Não aos solavancos, mas numa linha coerente, que morda no real.

A desenvolver permanentemente, aí onde as questões fundamentais se põem, no terreno claro e escuro que é o nosso, entre a frustração e a esperança ainda.

Gomes Bento

in BOLETIM PEDAGÓGICO 3

Centro de Documentação da Escola do Magistério

Primário do Porto